

## Um estudo descritivo de fake news / desinformação sobre covid

A descriptive study of fake news / disinformation about covid

**Adriana da Silva**

Universidade Federal de Viçosa

**Iane Maria Santos Martins**

Universidade Federal de Viçosa

**Resumo:** Este trabalho busca descrever aspectos linguísticos das *fake news* sobre COVID-19 em Língua Portuguesa, apresentadas em fontes governamentais e não governamentais no início da pandemia. Para o desenvolvimento da pesquisa foram coletadas 176 *fake news* retiradas de três sites de checagem e analisadas com parâmetros da Linguística de Corpus. Para a análise realizou-se: 1) descrição das palavras mais frequentes; 2) descrição das temáticas encontradas no corpus; 3) análise morfossintática. Os resultados encontrados mostraram que as *fake news* estudadas possuíam temáticas voltadas à área da saúde e estatística, além de algumas características como erros ortográficos, hipérboles, usos verbais específicos e sentenças negativas.

**Palavras-chave:** *Fake News*; Desinformação; Aspectos linguísticos; Covid-19

**Abstract:** This paper aims to describe linguistic aspects of Fake News about COVID-19 in Portuguese, presented in governmental and non-governmental sources at the beginning of the pandemic. For the development of the research, 176 Fake News were collected from three review sites and analyzed using corpus linguistic parameters. The study followed three steps: 1) description of the most frequent words; 2) description of the topics found in the corpus; 3) morphosyntactic analysis. The results showed that the Fake News analyzed were related to health and statistics, and had some features such as spelling errors, hyperboles, specific word usage and negative sentences.

**Keywords:** Fake news; Misinformation; Linguistic aspects; Covid-19

## 1 Introdução

Na eleição presidencial de 2018, as *fake news* (doravante FN) foram distribuídas e repassadas em várias mídias sociais, inaugurando um período de ódio e desinformação sem precedentes na nossa história. Esse cenário da desinformação ganhou reforço com as falsas notícias sobre a COVID-19 que encontraram no medo das pessoas um terreno fértil para propagação de notícias sem respaldo científico<sup>1</sup>. Vosoughi, Roy e Aral (2018) ressaltam um estudo realizado pelo MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) afirmando que, no meio digital, as FN são mais difundidas que as notícias verdadeiras, o que explica a popularidade alcançada por algumas ideias propagadas através desse gênero textual<sup>2</sup>.

Existe uma descrença na ciência que corrobora com a presença das FN nas redes sociais e o estudo da linguagem pode ajudar a desvendar como são estruturados esses textos. Por esse motivo, notou-se a importância de descrevê-los linguisticamente, buscando encontrar padrões de escrita que tornem mais fácil a identificação desses conteúdos que prestam um desserviço à sociedade. O trabalho objetiva identificar e descrever linguisticamente *fake news* sobre a Covid-19, visando, através das descrições, auxiliar na identificação delas e também entender o motivo desses textos serem tão amplamente difundidos e aceitos por uma grande parcela da população. Busca-se entender quais são os mecanismos linguísticos que os autores utilizam para enganar os leitores dessas notícias, que foram propagadas nas redes sociais antes e durante o período de quarentena no Brasil. Assim, busca-se responder quais os aspectos da língua que proporcionam a crença em notícias que não encontram respaldo científico.

Este artigo é fruto de uma Iniciação Científica intitulada *Fake news e Covid 19: Indicadores Linguísticos de textos em Português do Brasil em tempos de pandemia*, financiada pela CNPq e insere-se na área de Linguística Textual, utilizando a Linguística de Corpus como metodologia de trabalho. Dessa forma, o estudo analisa *fake news* retiradas de três sites de checagem, sendo eles a *Agência Lupa*, o *Aos Fatos* e o site do *Ministério da Saúde*. Propõe-se a investigar essas FN; classificá-las quanto ao tipo de temática; apresentar as características linguísticas delas, como léxico selecionado, substantivos, verbos e advérbios mais usados. Acredita-se que as *fake news* possuem uma linguagem acessível à população em geral e, dessa forma, entender como elas funcionam linguisticamente pode ajudar na facilitação de textos complexos e até mesmo a entender como textos e notícias falsas atraem os leitores.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, mas essencialmente transversal, pois relaciona linguagem, comunicação e saúde em busca da promoção da Qualidade de Vida. Acredita-se que o conhecimento linguístico das notícias possa ser um caminho para a promoção de informações embasadas na ciência. Além disso, a divulgação científica já é uma realidade em muitas áreas, mas

1 Verifica-se a importância dessa temática no cenário nacional quando, por exemplo, a ABRALIN em Cena ocorrida em novembro de 2019 teve como tema "Fake News e linguagem"

2 Neste artigo, as *fake news* foram consideradas gêneros textuais seguindo a definição de Marcuschi (2008), que trata os gêneros como sendo textuais e discursivos. O autor defende que "Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística específica e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares." (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Esse pensamento permite a compreensão das FN como um gênero textual, pois elas possuem um mesmo objetivo comunicativo (o de enganar o leitor) e se apresentam em situações semelhantes (no meio virtual, tendo em grande número de compartilhamentos). Considerar *fake news* um gênero também está em concordância com autores que estudaram especificamente essa situação, por exemplo, Freire (2019).

percebe-se que as *fake news* são muito mais acessíveis à população. Entender como elas são sistematizadas linguisticamente pode dar pistas para entender esse processo. É importante ressaltar também que a temática da saúde é outro diferencial, pois percebe-se muita confusão na disseminação das ideias, principalmente por se tratar de uma doença nova. Acredita-se que este trabalho possa ter como desdobramentos diferentes pesquisas com foco na produção de divulgação científica, na recepção, na leitura crítica e também nos vários impactos sociais das *fake news*.

## 2 Referencial teórico

As *fake news* dominam o cenário nacional desde as eleições presidenciais de 2018, mas sempre existiram. A internet criou a falsa percepção de que a informação está disponível para quem acessa o mundo digital, mas a realidade não reproduz essa ideia. Em um país continental com diferenças de acesso à educação de qualidade, por exemplo, percebe-se que a internet e os meios de comunicação, muitas vezes, passaram a prestar um desserviço à população. É evidente que se cria um espaço para que sujeitos sejam enganados com fins políticos, econômicos e sociais catastróficos para a população brasileira. Dessa forma, estudos que possam colaborar para a compreensão e descrição das *fake news* em nossa sociedade já se justificam.

Cabe ressaltar que existem mecanismos de busca e ferramentas digitais que permitem o reconhecimento de *fake news* na internet, como, por exemplo, o BuzzSumo que é uma ferramenta gratuita para identificação de links compartilhados em redes sociais. Existem sites de verificação de notícias falsas como boatos.org, e-farsas, snopes e factcheck. O uso desses mecanismos pode ajudar na compreensão dos textos propagados como *fake news*, mas uma parcela pequena da população utiliza esses recursos para detectá-las e, além disso, ressalta-se que elas trabalham com as emoções das pessoas, pois o leitor lê, identifica-se com a informação, acredita e a propaga. Sendo assim, deve-se pensar em mecanismos para entender linguisticamente esses textos e para investir na educação dos leitores que serão preparados para diferenciar *fake news* de notícias verdadeiras.

Ao estudar elementos linguísticos e não linguísticos das *fake news* em húngaro, Veszelszki (2017, p. 7) ressalta que essas notícias geralmente apresentam sinais evidentes de que são farsas, mas mesmo assim encontram aceitação de pessoas que as passam adiante nas redes sociais. As redes sociais disseminaram muitas notícias falsas sobre a COVID-19 no Brasil e é importante estudá-las, verificar as características desses textos e elementos comuns, visando alertar os leitores sobre a leitura dessas notícias.

O interesse pela COVID-19 surgiu em um momento único que a população mundial vivencia, permeado de incertezas, medo e morbidade. Trata-se de uma temática nova, pois a doença aparece no final de 2019 e arrasta o mundo por meses de desconhecimento, até mesmo dos pesquisadores, que apresentam informações e partilham opiniões muitas vezes desconstruídas. Como se trata de uma doença nova, muitas verdades e informações são modificadas ou retratadas em um curto período de tempo e, dessa forma, percebe-se uma dificuldade em se fazer a análise da veracidade do conteúdo apresentado pelos veículos de comunicação, uma vez que este processo, muitas vezes, é subjetivo.

Deve-se ressaltar ainda que as consequências da propagação das *fake news* são prejudiciais, danosas e, não raramente, se tornam «verdades». Essa é uma questão que deve ser pensada, pois, como se vê, as *fake news* podem interferir na qualidade de vida dos sujeitos. Atualmente, existe o consenso de que a qualidade de vida é uma área interdisciplinar e durante a pandemia, a descrença na ciência por parte da população e a interferência política demonstrou que há muito trabalho a ser feito na educação dos brasileiros, criando um campo vasto de pesquisa entre saúde e linguagem. O estudo das *fake news* a partir de uma perspectiva linguística envolve a ciência, a saúde, as mídias sociais e a comunicação numa abordagem da linguagem usada por essas esferas.

Através de textos escritos, pode-se afirmar que os interlocutores estabelecem um processo de interação humana, no qual alguém quer agir por meio de suas palavras e produzir determinados efeitos como, informar, persuadir, ou emocionar alguém. Na modalidade escrita, por exemplo, esse escritor materializa suas intenções, crenças e experiências em um texto que é disponibilizado ao leitor. Ou seja, para assegurar a interação, ele organiza o texto no papel, ou na tela, de modo a sinalizar sentidos que possam ser construídos e reconstruídos por seu leitor. E, para isso, usa seus conhecimentos linguísticos sobre o assunto abordado e também textuais/discursivos, como, por exemplo, sobre o gênero escolhido (KARWOSKI, GAYDECZKA e BRITO, 2011).

No processo da escrita, o escritor deve ter em mente o seu interlocutor, balancear os seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos no texto, conhecer o gênero e se preocupar com a organização textual (KOCK e ELIAS, 2010). Porém, não é desta forma tão organizada que os interlocutores interagem na esfera digital. O texto, muitas vezes, não é planejado, sai como um clamor de seus interesses, suas crenças e contradições que surgem a partir da interação com outros interlocutores e com textos multissemióticos. O autor, ao produzir um texto, persegue determinados objetivos e metas específicas. Para realizar a atividade de escrita, o escritor põe em ação diversos sistemas de conhecimentos (linguístico, teórico, situacional comunicativo), de crenças e de ideologias. Para lidar com esses sistemas, ele desenvolve estratégias específicas chamadas de estratégias de textualização, um conjunto de operações que permitem transformar aquilo que está em sua cabeça em texto. O foco deste trabalho está nos elementos linguísticos das *fake news*.

De acordo com Finatto, Silva e Esteves (2021, p. 353), “o termo *fake news* é usado frequentemente pela imprensa, por pessoas comuns e também por pesquisadores interessados em entender a comunicação e a interação humanas”. Essa denominação popularizou informações criadas ou parcialmente criadas a partir de alguns fatos reais e, por isso, “estudiosos da Comunicação Social passaram a evitar o designativo *fake news* e preferir termos como *desinformação*.” (FINATTO, SILVA e ESTEVES, 2021, p. 353).

As *fake news* podem explorar textos multissemióticos, usar textos escritos, áudios, vídeos, mas neste trabalho serão abordados apenas os textos escritos, usando como base a metodologia da Linguística de Corpus. Os estudos nessa área ganharam projeção nas últimas décadas, mas, em Língua Portuguesa, muito ainda há para ser feito. Sardinha (2004, p. 3) afirma que “A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados



linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”. Percebe-se que a os corpora de língua inglesa estão muito desenvolvidos, mas, em Língua Portuguesa ainda há dificuldades, pois alguns são pagos e outros fechados a pequenos grupos de pesquisadores - ver detalhes, por exemplo, em Sardinha (2004, p. 10).

Os corpora permitem análise de textos orais ou escritos naturais, escritos para que possam ser usados em pesquisas linguísticas com diferentes objetivos. Pode-se fazer uso de corpora, por exemplo, em estudos gramaticais, estilísticos e textuais. Como ressaltam Aluísio e Almeida (2006, p. 158), “por meio de corpus, podem-se observar aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos, etc. bastante relevantes para uma pesquisa linguística”.

### 3 Metodologia

#### 3.1 Seleção do Corpus

A pesquisa busca descrever linguisticamente as *fake news* sobre a Covid-19 postas como falsas por três sites de checagem disponíveis na Web. A descrição é importante pois salienta aspectos linguísticos desse gênero textual que podem ser usados em trabalhos futuros. Os textos coletados datam de janeiro de 2020 a agosto de 2020 e para descrevê-los foi utilizada metodologia da Linguística de Corpus.

Dessa maneira, ainda no processo de escrita do projeto de pesquisa, foi encontrado o *The Corona VirusFacts Alliance*, <https://www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/>, um projeto colaborativo que reúne checagens de *fake news* sobre a SARS-CoV-2 no mundo todo. No caso do Brasil, as agências com o maior número de checagens e que apresentavam *print* das *fake news* na época da coleta do corpus foram a *Agência Lupa* e a *Aos Fatos*. Além disso, pelas FN muitas vezes apresentarem um viés político, mesmo que o conteúdo vinculado por elas não siga essa temática, optou-se por escolher uma plataforma governamental, disponibilizada pelo Ministério da Saúde<sup>3</sup>.

Nos sites de *fact-checking* foram selecionadas todas as *fake news* datadas de janeiro a agosto de 2020 que continham algum caráter científico, podendo ser relacionadas às formas de prevenção da doença e de tratamento, ao número de mortos e de contaminados e também às informações sobre o vírus em si. Além disso, *fake News* que continham tabelas, vídeos e/ou áudios também não foram incorporadas, pois não seria possível analisar com qualidade esses materiais no tempo de duração da pesquisa e ignorá-los poderia interferir muito nos resultados. Foram encontradas, então, 176 *fake news* para a análise. Vale mencionar que como essas FN são disponibilizadas em *print* pelos sites de checagem, houve uma etapa de digitação<sup>4</sup>.

3 O site do Ministério da Saúde parou de ser atualizado com frequência em abril de 2020, logo, o número de FN coletadas nesse site foi inferior.

4 Hoje em dia existem programas que reconhecem letras em formato de imagem e conseguem converter essas imagens em textos, não sendo necessário digitar o conteúdo presente em cada foto. Esses programas possuem tecnologia OCR (*Optical Character Recognition*), que pode ser encontrada, por exemplo, no site <https://www.onlineocr.net/>. No caso da pesquisa, esses programas só foram descobertos depois do trabalho ter sido realizado.

## 3.2 Análise do corpus

Para analisar o corpus foram necessárias três etapas. A primeira foi a utilização do software AntConc (<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>), que gerou uma lista de palavras mais recorrentes no corpus e também explicitou quais termos acompanhavam essas palavras. A segunda foi a descrição de temática, que levou em consideração o conteúdo propagado nas *fake news* e quais assuntos eram mais recorrentes. A terceira contou com a ferramenta LinguaKit<sup>5</sup> (<https://linguakit.com/>), para fazer a análise morfossintática do corpus.

Após a seleção de *fake news*, foi necessário organizar o corpus para a realização das análises com softwares. As *fake news* foram convertidas para formato TXT (formato usado no AntConc) e também limpidas através do aplicativo Notepad++ (<https://notepad-plus-plus.org/>). Foram observadas as frequências das palavras e os termos que apareciam próximos a essas palavras. No caso do LinguaKit, foi necessário passar os dados para formato Excel para que as informações geradas pudessem ser contabilizadas. Vale acrescentar que foi preciso revisar os dados gerados pelo LinguaKit, pois por se tratar de um corpus pequeno, erros nas análises poderiam causar uma alteração significativa no resultado. Depois de feito isso, os dados de todas as tabelas foram compilados em outra tabela Excel, agrupando e contabilizando apenas os substantivos, os verbos e os advérbios presentes em todo o corpus<sup>6</sup>.

## 4 Resultados

### 4.1 Número de Palavras

Através do software AntConc 3.4.1, foi possível indicar que o corpus das 176 *fake news* contou com 17211 palavras no total, sendo 3668 palavras diferentes. Dessas 3668 palavras, foram identificadas, através da ferramenta *Word List*, as que apareceram com maior frequência.

Quadro 1 – Palavras mais frequentes no corpus das *fake news*.

o	Freq.	Item	o	Freq.	Item	o	Freq.	Item
1	693	de	15	158	se	29	63	foi
2	564	o	16	156	os	30	63	todos
3	544	a	17	132	no	31	60	são
4	498	e	18	120	<b>covid</b>	32	58	<b>pessoas</b>
5	438	que	19	120	um	33	57	<b>vacina</b>
6	230	em	20	109	uma	34	56	<b>china</b>
7	223	para	21	104	mais	35	55	água
8	218	<b>não</b>	22	96	as	36	54	<b>pode</b>
9	215	do	23	92	ou	37	53	isso
10	211	é	24	88	na	38	50	<b>está</b>
11	190	com	25	83	<b>corona vírus</b>	39	48	<b>dia</b>
12	184	por	26	71	ao	40	46	<b>vai</b>
13	172	da	27	69	você			
14	166	<b>vírus</b>	28	67	como			

5 A proposta inicial era a de usar o TreeTager, um software de categorização morfossintática. Contudo, no decorrer da pesquisa, optou-se por substituir o TreeTager pelo LinguaKit, por ser um software que reúne diversas ferramentas de processamento de linguagem natural e por ser mais simples de usar, contando com uma versão disponível na Web. Além disso, ficamos sem acesso ao computador da UFV que tinha o software TreeTager instalado.

6 O código utilizado para compilar os dados do LinguaKit pode ser encontrado em (<https://github.com/ianemaartins/compilacao-de-dados-linguakit>).

A primeira palavra a ser comentada é advérbio *não*, que aparece 218 vezes no corpus das FN. Essa palavra pode ser vista como a principal na construção de sentenças negativas, apesar de não ser a única. Tem-se que a negação é um importante elemento para identificar a polarização dos discursos. Moura Neves explicita que:

Quando o falante compõe um enunciado negativo, ele indica ter mais suposições sobre o conhecimento do ouvinte do que quando compõe um enunciado afirmativo. A partir daí, do ponto de vista comunicativo, pode-se dizer que os enunciados negativos não são empregados primariamente para expressar informação nova, mas sim para assentar uma manifestação acerca de informações já expressas, ou supostas na interação linguística. (NEVES, 2011, p. 329-330).

Ao construir sentenças negativas, as FN fazem com que as informações verídicas sejam vistas como falsas. A negativa evidencia a informação verdadeira que está em circulação e afirma que ela é falsa. Nessa perspectiva, passando a dar ênfase para o discurso jornalístico, que é o discurso que dialoga diretamente com as *fake news*, nota-se uma disputa de poder entre os *fact-checking* e as *fake news*, pois um tenta negar as informações apresentadas pelo outro, o primeiro tendo isso como seu objetivo e o segundo usando a estratégia das negativas como forma de “[...] assentar manifestações acerca de informações já expressas [...]” (NEVES, 2011, p. 329-330).

No que diz respeito aos substantivos encontrados no Quadro 1, é possível perceber que alguns deles norteiam os assuntos das *fake news*, tendo relação com as temáticas que serão apresentadas posteriormente. O termo *vírus*, por exemplo, é visto em partes dos textos que falam sobre as características do SARS-CoV-2 e aparecem, mais frequentemente, seguidos dos termos *corona*, *é* e *não*. Chama a atenção a expressão *vírus corona*, pois ela aparece em 13 das 176 *fake news* analisadas e é uma inversão do termo *corona vírus*, gerando uma nova forma de nomear esse patógeno.

O país mais citado nas FN foi a *China*. O nome foi a 34ª palavra mais frequente no corpus, mais utilizada que a palavra Brasil, que ficou em 48º lugar, sendo usada 41 vezes. Além disso, o termo *vacina* foi acompanhado da palavra *chinesa* em 12 FN, mostrando uma relevância do nome do país na criação das desinformações. É válido mencionar que devido ao fato de a doença ter sido originada na China, o frequente uso do nome era esperado, entretanto, tanto a *vacina chinesa* quanto o nome *China* foram usados de maneira estereotipada.

Sacramento, Monari e Chen (2020, p. 95) explicitam que “A ideia do ‘vírus chinês’ é muito presente nas *fake news* e ela se dá pela caracterização de um primitivismo ou selvageria a determinados hábitos alimentares, mas também por um forte sentimento anticomunista.”. O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, utilizou essa construção para se referir ao corona vírus (CHIU, 2020). Nesse sentido, é possível entender o discurso estereotipado sobre a China e também o discurso político relacionado à disputa por poder como formas de evocar sentimentos nos leitores. Freire (2019) evidencia que a pós-verdade está ligada à falta de relevância que a verdade passa a ter na sociedade e que a manipulação das emoções é uma boa forma de convencimento. Assim, ao reforçar um preconceito sobre os chineses e ao construir um discurso que remeta ao anticomunismo, as FN passam a trabalhar com as emoções dos leitores que possuem esse tipo de

preconceito e que concordam com esse pensamento político e econômico, convencendo-os dos fatos explicitados no texto e aumentando o número de compartilhamentos.

Além disso, no que diz respeito aos verbos presentes nas *fake news*, as formas verbais mais frequentes foram: *é*, *foi*, *são*, *está*, *pode* e *vai*. Era esperado que formas associadas aos verbos *ser* e *estar* aparecessem na lista de palavras mais recorrentes no corpus, pois, como afirma Castilho (2020, p. 398) “os dois verbos desfrutaram de grande frequência de uso”. Assim, o aparecimento de *é* e *está* sinalizam a frequência da terceira pessoa do singular no presente; *são* sinaliza a presença da terceira pessoa do plural também no presente; e *foi* mostra a presença da terceira pessoa do singular no pretérito perfeito. A forma *está* também foi empregada no lugar da palavra *esta* (e vice-versa) devido a erros de ortografia, como em “Mando *está* (sic) mensagem que mandei a colegas e familiares para informá-los da situação que estamos vivendo...” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020d) e em “[...]a primeira foto é uma amígdala doente e a 2 foto, *esta* (sic) curando, *vc* (sic) quer chegar a esse ponto, fique em sua casa.” (QUEIROZ, 2020).

No que diz respeito à forma verbal *pode*, derivada do verbo *poder*, é possível afirmar que se trata de um verbo visto como modal, pois a presença ou ausência dele pode alterar o sentido de uma sentença, fazendo com que o conteúdo explicitado seja visto como algo certo, provável ou possível (NEVES, 2006). Dentro das modalidades postas por Neves (2006), a *modalidade disposicional* apareceu com mais frequência, pois em muitas FN a forma verbal *pode* foi utilizada com o sentido de *tem capacidade de*, como nas frases “Remédio de piolho pode matar o novo corona vírus em 48 horas [...]” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020f) e “[...] o vírus é muito mais resistente em superfícies metálicas onde pode se manter vivo por até 12 horas.” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020b). Em ambos os casos, a utilização de *pode* tem relação com as temáticas da *fake news*, que serão explicitadas ainda neste artigo, pois dizem respeito às informações sobre o vírus e às medidas de prevenção. Além disso, *pode* também aparece com o sentido de *talvez*, como em “[...] 15% dos casos sobretudo em pacientes idosos e com patologias de base pode (sic) ser grave.” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020d); e com o sentido de *permissão*, como em “Os especialistas de Taiwan fornecem uma autoavaliação simples que pode fazer todas as manhãs [...]” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020a).

A forma verbal *vai* apresenta características ligadas ao tempo verbal. Na maioria dos casos ela é utilizada antecedendo um verbo no infinitivo, indicando que a ação delimitada por esse segundo verbo acontecerá no tempo futuro, como pode ser visto na frase: “Você vai tossir muito.” (AFONSO, 2020c), que poderia ter sido substituída por *você tossirá muito*. Castilho (2020) explicita que o verbo *ir* quando seguido de verbo no infinitivo configura verbo auxiliar de tempo, o que explica a frequência dessa forma verbal no corpus.

Os substantivos mais usados foram *pessoas*, *água* e *dia*. Nessa perspectiva, a presença da palavra *pessoas* pode ser entendida como uma forma genérica de falar dos indivíduos e por isso a repetição. Ao mesmo tempo, *água* apareceu vinculada à temática de medidas de prevenção e tratamento, uma vez que as expressões *água quente* e *água morna*, somadas, apareceram em 17 *fake news* como forma de curar ou de prevenir a Covid-19. Outro termo interessante foi o *dia*, que foi usado 1) para formar a expressão *dia a dia*; 2) para introduzir datas; 3) para expor a frequência de algo, como a frequência com que um remédio deveria ser tomado, por exemplo; e 4) para falar do progresso da doença no decorrer dos dias.

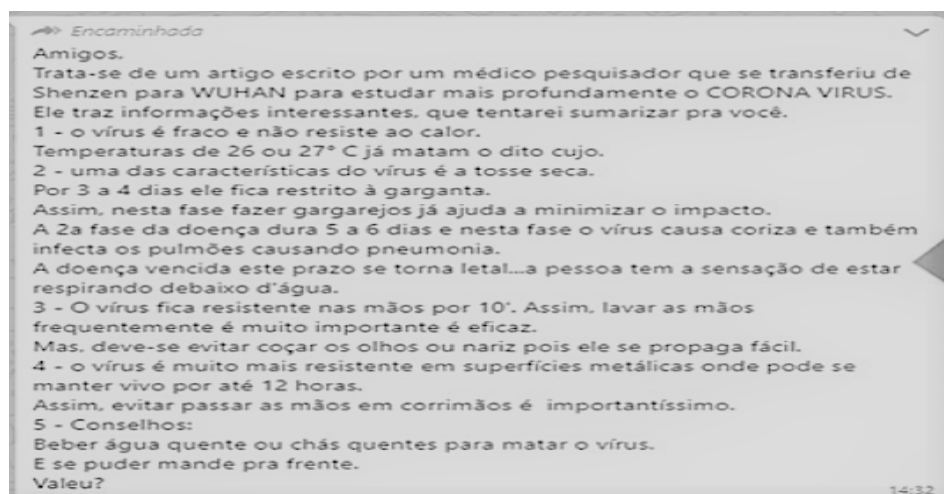


## 4.2 Temáticas

Para explicitar os resultados, é importante mencionar as temáticas científicas presentes nas *fake news*. Inicialmente, foi pensado que cada FN apresentaria um assunto específico e que seria possível categorizá-las segundo esse assunto, visto que os *fact-checking* formulam um título para a checagem de cada FN, dando a entender que elas possuem um tema central. Entretanto, foi visto, posteriormente, uma mistura entre as temáticas, isto é, uma mesma *fake news* apresentando assuntos diferentes em seu texto. Essa mistura impossibilitou que a categorização fosse feita unindo uma FN a apenas uma temática, mas continuou permitindo que fosse realizada uma identificação geral dos assuntos.

Assim, foram identificados dois grupos temáticos de desinformações, um ligado à área da *saúde*, no qual eram tratadas *informações sobre o vírus, medidas de prevenção e tratamentos*; e outro ligado a *dados estatísticos*, como o *número de mortos* e o *número de contaminados*. É importante destacar que outros assuntos também foram abordados nas *fake news*, como, por exemplo, os sintomas da doença, mas geralmente apresentavam informações verdadeiras, mostrando que as FN podem conter dados falsos misturados a dados verdadeiros, a fim de confundir os leitores. Um exemplo de *fake news* que misture as temáticas, além de informações e desinformações, pode ser visto a seguir:

Figura 1 – Exemplo de *fake news* com temáticas variadas e com informações verdadeiras e falsas ao mesmo tempo



Fonte: Ministério da Saúde, 2020b.

No exemplo é possível perceber que a FN explicita tanto informações sobre o vírus - como o fato dele *não resistir ao calor* - quanto informações sobre os sintomas da doença - como a *tosse seca* e a *sensação de estar respirando debaixo d'água*. Também são apresentadas medidas de prevenção como *lavar as mãos frequentemente* e tratamentos como *beber água quente ou chás quentes para matar o vírus*. Nessa perspectiva, é possível perceber que elucidações sobre os sintomas e sobre

a importância de lavar as mãos estão corretas, enquanto a ideia de o vírus não resistir ao calor e de água quente ou chás matarem o SARS-CoV-2 estão incorretas.

Além do exemplo apresentado, informações que tornem possível a visualização e o entendimento de todas as temáticas encontradas foram expostas no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Descrição das temáticas encontradas nas *fake news*.

<b>Categoria</b>	<b>Definição da categoria</b>	<b>Exemplo</b>
<b>Saúde:</b> Informações sobre o vírus	Informações específicas sobre o vírus SARS-CoV-2, como a origem dele, a forma de transmissão e como ele se comporta.	(1) “o pH do vírus corona varia de 5,5 a 8,5” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020e); (2) “O vírus não resiste às temperaturas acima de 26°C” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020c); (3) “[...] é um vírus patenteado que pertence a uma entidade chamada The Pirbright Institute” (RIBEIRO, 2020a); (4) “[...] uma vez que a membrana da garganta estiver seca, o vírus invadirá seu corpo dentro de 10 minutos” (RIBEIRO, 2020b).
<b>Saúde:</b> Medidas de prevenção	<i>fake news</i> que explicitavam uso de máscara, isolamento social, medição de temperatura, informações sobre a vacina ou chás que previnem a Covid.	(5) “Chá de abacate com hortelã previne corona vírus” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020c); (6) “Estamos sendo dessensibilizados ao direcionarmos isso [termômetro] à cabeça e também causando problemas de saúde potenciais ao apontar um raio infravermelho para a glândula pineal?” (RÔMANY, 2020); (7) “Olha aí o Nano-Chip que virá misturado na vacina da China” (PACHECO, 2020b); (8) “O uso prolongado da máscara produz hipóxia.” (PACHECO, 2020a); (9) “GOVERNADOR DE NOVA YORK MOSTRA PESQUISA QUE COMPROVA A INEFICÁCIA DO ISOLAMENTO” (FÁVERO; MENEZES, 2020).
<b>Saúde:</b> Tratamento	Remédios e chás que curam Covid	(10) “O CEO da Novartis anunciou que já tem em mãos os resultados de pesquisas que comprovam que a hidroxicloroquina mata o vírus.” (MORAES, 2020); (11) “Finalmente, um estudante indiano da Universidade Pondicherry, chamado Ramu encontrou uma cura de remédio caseiro para Covid-19, que é a primeira vez aceita pela OMS. Ele provou que, adicionando 1 colher de sopa de pó de pimenta preta a 2 colheres de mel de mel e um suco de gengibre por 5 dias consecutivos suprimiria os efeitos da Corona.” (MENEZES, 2020).
<b>Estatística:</b> Número de mortos		(12) “Foi só a polícia federal chegar no RJ que os mortos por COVID19 estão “dismorrendo”? Já dismorreu 1177...” (AFONSO, 2020b).
<b>Estatística:</b> Número de contaminados		(13) “MILAGRE! COVID 19 DECLINA NO MUNDO TODO! Os novos casos diminuem diariamente e as curas ultrapassam o número dos novos infectados!” (AFONSO, 2020a).

O quadro permite perceber que alguns exemplos, como o 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 8, apresentam a formulação de uma cadeia lógica de pensamentos, que pode ser descrita através dos conceitos de *conhecimento de mundo* e de *conhecimento compartilhado* (ver Koch, 1990). Esses pressupostos teóricos delimitam quais conhecimentos são necessários para que os indivíduos compreendam os textos que leem. Enquanto o *conhecimento de mundo* diz respeito às informações que são aprendidas com as vivências, o *conhecimento compartilhado* determina que o produtor e o receptor de

um texto compartilhem de informações em comum. Este segundo conceito delimita que para um texto ser coerente “[...] é preciso haver um equilíbrio entre informação dada e informação nova.” (KOCH, 1990, p. 64). Assim, através dos exemplos expostos no Quadro 1, observa-se que as *fake news* utilizam assuntos que fazem parte do conhecimento de mundo da população em geral e acrescentam informações novas e falsas, propagando desinformação e gerando certa credibilidade a partir de um conhecimento já difundido.

O exemplo 2 explicita a não resistência do vírus em temperaturas mais altas, ao mesmo tempo, é de conhecimento geral da população que ferver água ou leite mata algum possível patógeno presente no líquido. Isso significa que existe um conhecimento compartilhado que estabelece que agentes causadores de doenças não sobrevivem a altas temperaturas, assim, como o corona vírus é um causador de doença, a lógica imediata é a de que ele também não sobreviveria. Contudo, o raciocínio empregado na *fake news* não leva em consideração a forma de propagação da doença e nem o fato de que a temperatura do próprio corpo humano é de aproximadamente trinta e seis graus, que é mais do que os vinte e seis graus postos na FN. Os exemplos 1, 4, 5, 6, 7 e 8 seguem o mesmo raciocínio do exemplo 2, associando e criando logicidade entre conhecimentos compartilhados pela população em geral com informações falsas e com base no senso comum.

Além disso, alguns dos exemplos apresentados utilizam do argumento de autoridade para criarem uma lógica e uma confiabilidade na desinformação que se deseja propagar. O exemplo 9 faz referência ao pronunciamento do governador de Nova York sobre um estudo realizado pelo Departamento de Saúde do estado, que mostrou que 66% dos novos pacientes internados com Covid-19 estavam isolados em casa (MATOS, 2020). A informação dada pelo governador, entretanto, não prova a ineficácia do isolamento social, uma vez que o mesmo discurso reforça as medidas de prevenção da doença (MATOS, 2020).

Dessa forma, o trecho 9 exemplifica a ideia de que as desinformações propagadas nas *fake news* não são exatamente falsas, mas, muitas vezes, conduzem o texto para uma interpretação equivocada e enganosa. Ademais, essa utilização do termo *governador de Nova York* salienta a presença de um indivíduo que ocupa um cargo importante para a nação estadunidense e que consequentemente tende a ser cuidadoso com as informações que transmite. Nesse sentido, a partir do momento que uma *fake news* é criada fazendo referência a um texto produzido por alguém aparentemente crível, ela passa a, de certa forma, usufruir dessa credibilidade. Ao citar alguém conhecido, a FN confere credibilidade à informação pelo uso de autoridade.

Koch e Elias (2010) definem intertextualidade como “o princípio segundo o qual todo texto remete sempre a outro ou a outros [...]” (KOCH; ELIAS, 2010, p.101). As autoras explicam que a Intertextualidade pode ser implícita, quando a fonte do texto base não é mencionada, ou explícita, quando a fonte é mencionada. No caso exposto, a Intertextualidade é explícita, pois há uma referência à fonte da informação, que seria o *governador de Nova York*.

No caso do exemplo 9 a informação pode ser checada pelo leitor da *fake news*, pois o discurso do governador realmente existiu, porém, o recorte e o modo de interpretar o que foi explicitado foi previamente guiado pela FN. Ao mesmo tempo, a figura do governador é importante para passar credibilidade à notícia, assim como acontece nos exemplos 3, 10, 11 e 12 explicitados no

Quadro 2, que utilizam nomes de organizações, de cargos ou de pessoas a fim de criar uma confiabilidade no texto.

É importante descrever, ainda, como os textos das *fake news* da temática *Número de Contaminados*, exemplificada pelo trecho 13, foram construídos. Esse tipo de informação estatística tende a ser mais fácil de ser verificada do que as informações sobre saúde, uma vez que o número de mortos e de casos é noticiado todos os dias pelos principais veículos de imprensa. Sendo assim, para que as *FN* estatísticas sejam propagadas, elas contam com uma linguagem exagerada, isto é, com um número grande de exclamações, de textos em caixa alta e de palavras ou expressões hiperbólicas, como *milagre*, *mundo todo*, *urgente*, *novo herói*, etc.

### 4.3 Análise Morfossintática

A análise morfossintática foi realizada através do software *LinguaKit*. É importante mencionar que os softwares que fazem esse tipo de análise em textos escritos em Português do Brasil ainda estão em fase de melhoramento e podem apresentar um número considerável de erros, que foram reduzidos com uma revisão feita manualmente. Posto isso, a apresentação dos resultados terá como foco os verbos e os substantivos próprios. Os advérbios e os demais substantivos não obtiveram resultados diferentes dos expostos na etapa anterior, referente ao *Número de palavras*, e com o intuito de evitar redundâncias, eles não serão discutidos nesta seção.

Primeiramente, é necessário entender a quantidade de verbos conjugados de acordo com qual pessoa do discurso nas *FN*, que pode ser visualizada no Quadro 3:

Quadro 3 – Conjugação dos verbos das *fake news* de acordo com a pessoa do discurso.

Pessoa do discurso	Ocorrências
1ª pessoa do singular	178
2ª pessoa do singular	6
3ª pessoa do singular	1265
1ª pessoa do plural	67
2ª pessoa do plural	2
3ª pessoa do plural	389

Percebe-se que as *FN* possuem verbos no singular com maior frequência que verbos no plural e predominância da terceira pessoa, seguida da primeira e por último da segunda. A diferença ocorre, porém, quando se observa como esses verbos foram empregados nos textos e como as conjugações verbais são feitas no Português do Brasil (PB).

Castilho (2020) defende que, atualmente, dentro dos pronomes pessoais utilizados pelos falantes de PB estão os pronomes *você* e *vocês*, que se encaixam semanticamente como de segunda pessoa, mas exigem conjugação verbal em terceira. Finatto, Silva e Esteves (2021, p.469) evidenciam que “a frequência de *VOCE* reforça a interlocução com o leitor”. Assim, ao analisar mais



atentamente o corpus, percebeu-se que muitos verbos conjugados na terceira pessoa possuíam sujeito referente à segunda. O pronome *you* apareceu 69 vezes nas *fake news*, mostrando que elas tendem a dialogar diretamente com o leitor, criando um vínculo com ele.

Essa ideia de interação também pode ser vista através do modo imperativo dos verbos. Castilho (2020), ao se referir às mudanças causadas no PB pela substituição do pronome *tu* por *you*, defende que “nosso imperativo hoje é um jogo entre formas do indicativo e formas do subjuntivo.” (CASTILHO, 2020, p. 439).

Como consequência dessas peculiaridades do PB, tem-se a dificuldade de identificar os verbos imperativos através de softwares. O *LinguaKit* identificou apenas 6 verbos imperativos nas *FN*, enquanto através de correção manual, observando o sentido das frases, das 176 *FN* analisadas, 62 apresentaram pelo menos um verbo no imperativo, totalizando 155 ocorrências. Esses verbos foram utilizados 1) para dar alguma instrução ao leitor e 2) para solicitar que a mensagem fosse compartilhada com outras pessoas. Verbos no infinitivo também foram utilizados para dar instruções aos leitores e tiveram 936 ocorrências nas *fake news*.

No que diz respeito aos substantivos, chamaram atenção os nomes próprios. As *FN* utilizavam nomes de instituições estrangeiras pouco conhecidas no Brasil e termos genéricos, como *médico*, para se referir às pessoas que detinham certo conhecimento sobre o assunto. A maioria dessas instituições estrangeiras mencionadas existe, contudo, os sites desses lugares geralmente não apresentam dados em português e verificar se as informações são verdadeiras ou falsas é uma tarefa difícil para quem não domina uma segunda língua. Outro ponto importante é que, nas *FN* que explicitaram o nome de alguma figura de autoridade, ou as informações estavam distorcidas, como explicado no exemplo 9 do Quadro 2, ou a fala nunca havia existido, não tendo comprovação da fonte.

## 5 Conclusão

Através da descrição linguística é possível perceber que 1) as *fake news* conquistam leitores através da proximidade que cria com eles, transmitindo confiança e senso de urgência na informação propagada; 2) as temáticas podem interferir nas características apresentadas pelas *fake news* e servir também como um direcionamento para indicar para o leitor um sinal de alerta, mostrando que há um fato falso ou algum tipo de desinformação e 3) o conteúdo presente em uma *fake news* não precisa ser completamente falso, muitos textos apresentam informações verdadeiras como forma de esconder pequenas desinformações. Isso leva a crer que os autores das *FN* trabalham a informação de modo a deixá-la acessível e confiável para seu leitor, trabalhando, inclusive, o uso de argumentos de autoridade.

É importante que seja feita uma constante investigação dessas temáticas e uma divulgação delas pra o público leigo, assim como um mapeamento dos principais assuntos que interferem nos sentimentos dos indivíduos. É preciso fazer com que a população em geral tenha consciência dos tipos de estratégias que são usadas para persuadi-la e também das estruturas mais comumente

apresentadas nesses textos, como é o caso da presença de erros ortográficos; de argumentos de autoridade vagos; do uso de hipérbolos e exclamações em assuntos mais facilmente verificáveis e do uso recorrente da palavra *não* e de verbos imperativos. Cabe ressaltar ainda que as *FN* promovem um diálogo com crenças e conhecimentos de seus leitores, abrindo espaço para uma abordagem total ou parcialmente falsa. Dessa forma, a ciência deve aprender a escrever para o público leigo, permitindo a acessibilidade textual em diferentes camadas de conhecimento, promovendo a informação de forma ampla na sociedade.

Conhecer as características que tornam as *fake news* atraentes para os leitores auxiliam no processo de leitura, pois o leitor consciente desses elementos pode lê-las e avaliá-las criticamente, mas também podem ser úteis para pesquisadores que queiram informar os leitores leigos sobre suas pesquisas, demonstrando que a escrita, para atingir pessoas comuns e disseminar informação fora da esfera acadêmica, precisa ser mais simples e direta, exigindo elementos linguísticos não comumente usados na escrita científica, por exemplo. Esse processo de comunicação precisa ser feito para dar credibilidade aos trabalhos acadêmicos e promover a informação da população, deixando-a menos exposta aos interessados em promover a desinformação para atingir objetivos políticos e obscuros.

## Referências

- AFONSO, Nathália. **Post erra ao falar que novos casos de Covid-19 diminuem diariamente no mundo**. Agência Lupa. 23 de abr. 2020a. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/04/23/verificamos-post-covid-diminuem/> Acesso em: 30 de ago. 2020.
- AFONSO, Nathália. **É falso que número de óbitos por Covid-19 caiu no Rio de Janeiro após operação da PF**. Agência Lupa. 2 de jun. 2020b. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/02/verificamos-rio-obitos-policia/> Acesso em: 30 de ago. 2020.
- AFONSO, Nathália. **OMS não disse que CoronaVac ‘não foi testada em nenhum lugar do mundo’**. Agência Lupa. 18 de jun. 2020c. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/18/verificamos-oms-coronavac-teste/> Acesso em: 30 de ago. 2020.
- ALUÍSIO, Sandra. Maria; ALMEIDA, Gladis. Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 4, n. 3, set./dez. 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6002/3178>. Acesso em: 06 out. 2017.
- CASTILHO, Ataliba de. **Nova Gramática do português brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CHIU, Allyson. **Trump has no qualms about calling coronavirus the ‘Chinese Virus.’** That’s a dangerous attitude, experts say. The Washington Post. 30 de mar. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/nation/2020/03/20/coronavirus-trump-chinese-virus/> Acesso em: 03 de ago. 2021.

FÁVERO, Bruno; MENEZES, **Luiz Fernando. Governador de NY não mostrou que isolamento é ineficaz contra Covid-19.** Aos Fatos. 12 de mai. 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/governador-de-ny-nao-mostrou-que-isolamento-e-ineficaz-contr-covid-19/> Acesso em: 30 de ago. 2020.

FINATTO, Maria José Bocorny; SILVA, Adriana da; ESTEVES, Francine Facchin. *Fake news e desinformação sobre vacinas: contribuições dos estudos da Terminologia, do Texto e do Discurso.* **Revista GTLex**, v.6, n. 2, p. 445-494, 2021.

FREIRE, Débora Fabianne da Silva. **Discurso e força estética das notícias falsas: um estudo sobre a configuração do gênero fake news.** Dissertação (Mestrado em Produção Jornalística) - Universidade Federal Da Paraíba. João Pessoa, p.168. 2019. Disponível em: <<http://www.cta.ufpb.br/ppj/contents/arquivos/debora-fabianne-da-silva-freire-texto.pdf>> Acesso em: 27 de mai. 2021.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais: reflexão e ensino.** 4 ed. São Paulo: Parábola, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coerência Textual.** São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS, Thaís. **É #FAKE que o governador de NY disse que levantamento feito pelo Departamento de Saúde do estado provou ineficácia do isolamento social.** G1, Rio de Janeiro, 15 de mai. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/05/13/e-fake-que-governador-de-ny-disse-que-levantamento-feito-pelo-departamento-de-saude-do-estado-provou-ineficacia-do-isolamento-social.ghtml> Acesso em: 05 de jun.2021.

MENEZES, Luiz Fernando. **Não é verdade que OMS aprovou mistura de pimenta, mel e gengibre como cura da Covid-19.** Aos Fatos. 21 de jul. 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-oms-aprovou-mistura-de-pimenta-mel-e-gengibre-como-cura-da-covid-19/> Acesso em: 30 de ago. 2020.

AFONSO, Nathália. **Fibrose nos pulmões ao respirar e coronavírus.** Saúde sem *Fake News*. 27 de fev. 2020a. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2020/fevereiro/27/fake9.jpg> Acesso em: 05 de ago. 2020.

AFONSO, Nathália. **Água ou chá quente mata o coronavírus.** Saúde sem *Fake News*. 9 de mar 2020b. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2020/marco/09/fake6.jpg> Acesso em: 05 de ago. 2020.

AFONSO, Nathália. **Verdades e mentiras do CREMERJ para coronavírus.** Saúde sem *Fake News*. 23 de mar. 2020c. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2020/marco/23/fake10.jpg> Acesso em: 05 de ago. 2020.

AFONSO, Nathália. **Todos os países adotam as mesmas medidas para enfrentar o coronavírus.** Saúde sem *Fake News*. 23 de mar. 2020d. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2020/marco/23/fake7.jpg> Acesso em: 05 de ago. 2020.

AFONSO, Nathália. **Alimentos alcalinos evitam coronavírus.** Saúde sem *Fake News*. 10 de abr. 2020e. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2020/April/10/fake1.jpg> Acesso em: 05 de ago. 2020.

AFONSO, Nathália. **Remédio de piolho pode matar coronavírus.** Saúde sem *Fake News*. 24 de abr. 2020f. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2020/April/24/fake02.jpg> Acesso em: 05 de ago. 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática** – São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. A interface sintaxe, semântica e pragmática no funcionalismo. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n.1, p. 25-43, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445038558096931414>

MORAES, Maurício. **É falso que FDA liberou hidroxicloroquina para todos os pacientes com Covid-19.** Agência Lupa. 13 de abr. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/04/13/verificamos-fda-liberou-hidroxicloroquina-todos-pacientes-covid-19/> Acesso em: 30 de ago. 2020.

PACHECO, Priscila. **Não é verdade que uso prolongado de máscara de proteção causa hipóxia.** Aos Fatos. 12 de mai. 2020a. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-uso-prolongado-de-mascara-de-protecao-causa-hipoxia/> Acesso em: 30 de ago. 2020.

PACHECO, Priscila. **Vacinas testadas contra Covid-19 não usam nano chip para rastrear pessoas pelo 5G.** Aos Fatos. 6 ago. 2020b. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/vacinas-testadas-contra-covid-19-nao-usam-nanochip-para-rastrear-pessoas-pelo-5g/> Acesso em: 30 de ago. 2020.



QUEIROZ, Gustavo. **Foto de amígdalas avermelhadas que circula nas redes não tem relação com Covid-19.** Agência Lupa. 18 de jun. 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/18/verificamos-foto-amigdalas-relacao-covid/> Acesso em: 30 de ago. 2020.

RIBEIRO, Amanda. **É falso que fundação de Bill Gates financiou patente do novo coronavírus. Aos Fatos.** 30 jan. 2020a. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-fundacao-de-bill-gates-financiou-patente-do-novo-coronavirus/> Acesso em: 30 de ago. 2020.

RIBEIRO, Amanda. **É falso que Canadá orientou manter a garganta úmida como prevenção ao coronavírus.** Aos Fatos. 30 jan. 2020b. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-canada-orientou-manter-garganta-umida-como-prevencao-ao-coronavirus/> Acesso em: 30 de ago. 2020.

RÔMANY, Ítalo. **É falso que termômetros infravermelhos causem danos à glândula pineal.** Agência Lupa. 14 de ago. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/08/14/verificamos-termometros-glandula-pineal/> Acesso em: 30 de ago. 2020

SACRAMENTO, Igor; MONARI, Ana Carolina Pontalti; CHEN, Xuewu. O vírus do morcego: fake news e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul – SP, v.21, n. 47, p. 82-98, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol21n47.7285>

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus.** Barueri, SP: Editora Manole. 2004.

VESZELSZKI, Ágnes. Linguistic and Non-Linguistic Elements in Detecting (Hungarian) fake news. *Acta Universitatis Sapientiae. Communication*, v. 4, p. 7-35, 2017. DOI: [10.1515/auscom-2017-0001](https://doi.org/10.1515/auscom-2017-0001)

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, v.359, p. 1146-1151, 2018.